

ANGOLA



RRASTOU-SE no Parlamento, com eloquentes faltas de número, a questão do financiamento de Angola e vão-se demitindo os Altos Comissários sem ao menos terem dado entrada no Palácio de Loanda.

Isto tem-se passado em Lisboa entre a indiferença do público e al-

guns protestos de coloniais que os periódicos registam em meia dúzia de linhas, acrescentando sempre que «o governo vai providenciar sem demora» apesar da actual situação da Província já durar há mais dum ano!

Todo o mal, garantem, é da má administração do general Norton de Matos, e desde que apareceu um nome a suportar a maior responsabilidade vive o povo português muito contente, imaginando que o tempo se incumbirá de resolver êste e outros problemas das nossas colónias.

Mas a verdade é que o esforço dos que conseguiram conservar até nossos dias aquele vasto território do ocidente africano se vai aniquilando e estamos em risco de perder completamente a Província, agora mais que nunca cubçada pelos estrangeiros.

A vítima para a política e para a História, julgam os comodistas, sofreu sua pena, e assim também pensou o Ministério que mandou vir de Londres o ex-Alto Comissário para o chamar à pedra bem como o seguinte, que lhe sancionou a obra rsconduzindo-o no posto e honrarias.

Esta situação financeira de Angola tem suas raízes num passado que se traduz bem na necessidade duma expedição de vêz em quando, como por lá se dizia quando eu ali estive no princípio da Grande Guerra. Já então era crónica a falta de dinheiro, e ainda me lembro dos inúmeros e intermináveis telegramas cifrados em que se pediam fundos, se falava de letras a caminho do protesto e outros sintomas de maiores apuros que agora chegaram ao fundo da nossa pobreza franciscana.

Pois o problema continúa com tamanhas delongas e tantas competências a meterem-lhe os ombros possantes que ou esbarrondam os alicerces dos Bancos Emissores—tarefa difícil e pesada—ou envelhecem a discutir magnificas teorias emquanto o comércio, a indústria, a agricultura e o funcionalismo da colónia aplicam a si mesmos o conto do burro inglês...

Se aquele problema financeiro é grave, outro peor, anda mais terra-a-terra com a gente que vê as coisas como elas se apresentam, sem óculos de aumento nem lunetas de miopia, na sua evidência de todos os dias, à luz do sol e no significado claramente ameaçador da soberania portuguesa.

É a colonização estrangeira.

Não se trata de emigrantes que vão para ali ganhar a sua vida, cultivando e povoando a terra.

Trata-se de gente armada e equipada para a guerra, que vai invadindo a colónia, que se vai espalhando por tôda a Província, sem fiscalização, sem embaraços, sem restrições, à sua vontade e com o fim de, num próximo futuro, acordar a nossa boa fé e descanso com uma imposição igual à do «regimen de porta aberta» ou ainda mais violento, e que uns restos de dignidade nacional repila, para assim aparecer o conflito armado.

São os alemães que lá desembarcam todos os dias às dezenas, de carabina e munições, e que vão a caminho do interior. São os afrikanders que hão-de unir-se a eles para nos destronarem, os boers, porta-estandarte da independência do Império da Africa do Sul, como eles me diziam quando eu os comandava em 1914.

Aos afrikanders falta o auxílio europeu, a protecção das chancelarias, e embora as revoltas da União sejam periódicas e qualquer coisa de arrepiar os cabelos na eclosão e repressão, não chega à Europa o grito de liberdade que a guerra anglo-boer só ouviu e sentiu nos rapazes das escolas.

O que os boers não possuem vai-lhes dar a gente que agora os auxilia—sangue novo europeu, iniciativa, dinheiro, protecção diplomática,

eco no mundo para as suas aspirações de independência.

—«Vocês cabem perfeitamente no seu lindo Portugal, e os que cá estiverem cá ficam como ficaram no Brasil, pois isto é grande, chega para todos e não necessita da tutela da Europa para progredir», afirmava Benn Oppel, um boer que na guerra do Transval fôra do Estado Maior do General Botha.

Escrevem-me o Capitão Sousa Dias e Major Aragão alarmados com o que se passa em Angola, onde os alemães têm mais facilidades que os portugueses e onde, dizem, é inevitável uma guerra dentro de poucos anos!

Ninguém se importa, ninguém protesta cá em Portugal, mas lá fóra sabe-se e concorda-se que os alemães necessitam de colónias, que os franceses não dão as deles e os ingleses muito menos.

«Des amis capitalistes anglais telegraphient qu'il n'est plus conseillable d'être possesseur de propriétés en Afrique Portugaise.»

Veja-se pelo período acima, duma carta que hoje recebi, o que os nossos aliados aconselham a um meu amigo de nacionalidade suiça.

SARMENTO PIMENTEL.

Maio de 1925.